



## **Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes**

### **Aliny Pranto**

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), lotada no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGED/UFRN.

 <https://orcid.org/0000-0001-8998-2343>

### **Samia Nascimento Sulaiman**

Docente no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

 <https://orcid.org/0000-0002-2789-2286>

### **Juniele Rabêlo de Almeida**

Professora do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História e nos Cursos de Graduação.

 <https://orcid.org/0000-0001-9468-9192>

 <https://doi.org/10.28998/rchv14n28.2023.0004>

Recebido em 19/09/2023

Aprovado em 16/11/2023



## **Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes**

### **RESUMO**

Este artigo discute as narrativas de história de vida e carreira de professores/as na formação docente. Recorremos aos procedimentos teórico-metodológicos da História Oral, utilizando entrevistas gravadas, com o objetivo de refletir sobre o processo de construção, catalogação e uso das narrativas para a formação de professores/as. A partir da análise das fontes (literatura, documentos impressos e acervo de repositório de História Oral), tendo como eixo reflexivo as entrevistas com professores/as, realizadas em dois projetos (um de pesquisa e outro de extensão) foi possível problematizar o uso dessas fontes em cursos de Licenciatura e as repercussões educativas para o conjunto dos/as participantes. Argumentamos considerando a perspectiva dialógica da metodologia de História Oral e seu papel formativo em ambas as direções, contribuindo para quem narra (docentes) e também para quem escuta (licenciandos/as).

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas docentes; História oral; formação docente.

## **Teaching narratives for initial and continuing education: the oral history in study about the teaching trajectories**

### **ABSTRACT**

This paper discusses the teachers' life and career story narratives in teacher training. We resorted to the theoretical-methodological procedures of Oral History, using recorded interviews, with the aim of reflecting on the process of building, cataloguing and using narratives for teacher training. From the analysis of sources (literature, printed documents and collection of oral history repository), having as a reflexive axis the interviews with teachers/as, collected in two projects (one of research and another of extension) it was possible to discuss about the use these sources in Licentiates and the possible gains they bring to those involved. We argue considering the dialogical perspective of the Oral History methodology and its formative role in both directions, contributing to those who narrate (teachers) and also to those who listen (licensing students)

**KEYWORDS:** teacher's narratives; oral History; teaching training.

Professores e professoras são sujeitos dos seus saberes e práticas, bem como produtores de sua própria história. É possível compreender o que é a docência a partir de quem a constitui e nela se constitui mutuamente por meio de narrativas de história de vida e carreira docente. Essas narrativas como fontes privilegiadas de concepções teóricas, estratégias metodológicas e análises críticas sobre o campo da educação, na problematização das trajetórias docentes, podem ser conteúdo significativo para subsidiar a formação inicial e continuada de professores/as.

Compreender a docência a partir dos conhecimentos e experiências dos que a têm como ofício tem se constituído um importante campo de estudo, investigação e formação. Desde Lee Shulman (1987), em seus casos de perícia, diversos autores têm se debruçado sobre os chamados saberes práticos e experienciais com foco na investigação sobre o professor, a professora como sujeito profissional. São referências nos cursos de formação docente nomes como Maurice Tardif (TARDIF, 2002) e Clermont Gauthier (GAUTHIER *et al.*, 2006), Selma Pimenta (PIMENTA, 1999) e Demerval Saviani (SAVIANI, 1996).

Para além da observação e registro das práticas docentes cotidianas, cabe considerar o que têm a dizer professor, professora, cuja identidade docente é individual, mas também coletiva, conectada ao amplo contexto educacional. Como bem discutido na coletânea *Vida de Professores* (NOVOA, 2007), o "ser docente" é um indivíduo, mas também um sujeito histórico importante do campo educacional e, conseqüentemente, da História da Educação.

Este artigo considera as narrativas de vida e carreira docente como fundamentais no processo de visibilidade das trajetórias de professores/as e das suas práticas, reconhecendo seu valor e potência no espaço público, em especial na formação docente inicial. A fim de explorar esse potencial, recorreremos ao campo teórico-metodológico da História Oral, utilizando entrevistas gravadas.

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre os usos das entrevistas de História Oral, com narrativas docentes, para a formação de professores/as. Para tanto, abordamos a perspectiva dialógica da metodologia e a entendemos enquanto formativa em ambas as direções, contribuindo para quem narra (docentes) e também para quem escuta (licenciandos/as).

O artigo inicia trazendo a História Oral como potencialidade para a coleta e análise de narrativas de professores e segue na discussão sobre a construção do acervo de entrevistas, observando o seu papel formativo no próprio campo da educação em

duas perspectivas: 1) as contribuições das narrativas para quem a narra (professor, professora na entrevista); 2) o aprendizado para quem escuta e participa da elaboração e realização das entrevistas (licenciando e licencianda como entrevistador/a).

A discussão apresentada parte da análise de fontes (literatura, documentos impressos e acervo de repositório de história oral), tendo como eixo reflexivo as entrevistas com professores e professoras de diferentes idades, atuantes ou aposentados, e com distintas experiências em espaços educativos. Tais entrevistas, são resultado de dois projetos: um de extensão e outro de pesquisa.

No projeto de extensão “Narrativas docentes: acervo de entrevistas sobre a trajetória de professores/as do RN como repertório para formação docente inicial e continuada” (iniciado em 2022), os estudantes do curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa elaboraram roteiro de entrevista e a realizaram com seus professores e suas professoras que supervisionavam os estágios. Já as entrevistas resultantes do projeto de pesquisa: “Caminhos do Ensino de História” (2021) foram discutidas e analisadas pelos estudantes da Licenciatura em História que, posteriormente, foram instigados e instigadas a redigir suas próprias memórias a partir das escritas de si. Ressaltamos que ambos os trabalhos com as narrativas docentes estiveram articulados com os componentes de estágio supervisionado obrigatório das referidas licenciaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

### **História oral e narrativas de professores**

A História Oral enquanto campo de produção de conhecimentos e metodologia de pesquisa vem se consolidando desde, pelo menos, meados do século XX. No Brasil, os primeiros laboratórios de história oral datam dos anos 1970 e 1980, a exemplo do Programa de História Oral do CPDOC/FGV e do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF - LABHOI/UFF. Inserida em um contexto de intensas transformações nas concepções de História e de fontes históricas, que marcaram o século passado, a História Oral nasceu e se estabeleceu no Brasil como proposta que “amplifica” vozes (PORTELLI, 2016). Mais que preservar memórias narradas oralmente, o trabalho com essa metodologia de pesquisa assegura a polifonia, a diversidade, a contraposição, o contraditório e o acesso às margens.

A História Oral com foco nas narrativas docentes tem se constituído enquanto linha de pesquisa ao longo dos últimos anos. Na década anterior, tivemos a criação do Acervo Trajetórias Docentes na Universidade Federal Fluminense, disponível na

plataforma digital do Laboratório de História Oral e Imagem-LABHOI – acervo composto por entrevistas de história oral, entrevistas públicas e memoriais que contemplaram narrativas de professores do estado do Rio de Janeiro. Hoje o acervo cresceu e um coletivo de professores e professoras passou a se organizar em rede, a “Rede Trajetórias Docentes”, visando a, justamente, aproximar ainda mais aqueles e aquelas que lidam com as narrativas docentes em suas pesquisas, assegurando a guarda, em ambiente seguro (*storage* do LABHOI/UFF), e a divulgação (por meio do YouTube Canal Trajetórias Docentes). O acervo reúne atualmente cerca de 50 narrativas autobiográficas de docentes em formação continuada e inicial – áudio e/ou transcrições; e, ainda, entrevistas públicas sob a forma de material audiovisual, no canal do YouTube. De acordo com o professor Everardo Paiva de Andrade, pesquisador-fundador do acervo, as narrativas públicas gravadas e transcritas a partir de 2017 apontam para a necessidade da valorização profissional docente, cujos saberes, na maioria das vezes, não estão diretamente traduzidos no plano da linguagem, mas expressos em uma semântica da ação (ANDRADE *et al.*, 2022).

As entrevistas públicas disponibilizadas no *site* do LABHOI encontram-se localizadas na aba “História Pública”, dentro do projeto “Acervo Trajetórias Docentes e História Pública”. O projeto foi organizado em duas partes complementares: uma página de apresentação do projeto, com o *link* para o canal do *YouTube*, onde se encontram as entrevistas gravadas, e uma página do arquivo de história oral, contendo o acervo propriamente dito. As narrativas trazem as inventividades e artes do fazer em sala de aula, perpassando as reflexões sobre a escolha da profissão e a formação docente, sem excluir os desafios da vida cotidiana do/a professor/a – em um processo de produção de conhecimento e movimento formativo nas pesquisas educacionais. A partir do compartilhamento das narrativas, observa-se a criação de redes de significação da experiência em processos de aprendizagem narrativa (GOODSON, 2008) envolvendo professores em formação. Ao participar do projeto, os professores significam suas memórias, que são organizadas e disponibilizadas por meio de um projeto preocupado com as demandas socioeducacionais deles próprios.

Em outras partes do país, vários trabalhos e acervos passaram a utilizar a narrativa docente como fonte e objeto de pesquisas. Podemos citar as iniciativas com narrativas autobiográficas e a criação de importantes grupos de pesquisa, a exemplo do GRIFARS/UFRN e dos repositórios voltados às memórias docentes narradas, ou ainda sobre a história da educação em geral (PRANTO, 2021), mas que também

contemplam tais narrativas, como ocorre no Repositório de História Oral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – REPHO/UFRGS e em outros arquivos no mesmo estado. Esses são apenas alguns exemplos, mas as iniciativas têm se multiplicado ao longo das últimas décadas, sejam elas vinculadas a grupos de pesquisa, ou a trabalhos individuais de graduação e pós-graduação.

Durante o XVI Encontro Nacional de História Oral, em 2022, teve início o Simpósio Temático intitulado “História oral e narrativas de professores/as”, que mobilizou a apresentação de trabalhos envolvendo memórias docentes e suas narrativas em pesquisas por todo o Brasil – estimulando a criação de uma rede de pesquisadores/as sobre o tema. Trabalhos interdisciplinares deram o tom do simpósio, com propostas que ultrapassaram a área de História, entrecruzando Pedagogia, Letras, Educação Física, dentre outras. A pluralidade de experiências demonstrou o quão potente e plural pode ser a lida com as narrativas docentes, sobretudo, quando mediada pela História Oral, pois assegura a dialogicidade do processo de entrevista e, assim, contribui fortemente para a formação dos/as envolvidos/as.

Considerando o quanto a interface História Oral e narrativas de professores possibilita que compreendamos melhor o saber/fazer docente em diferentes contextos históricos, a partir da coautoria com esses/as narradores/as, é que esperamos refletir sobre a História Oral enquanto área do conhecimento e metodologia, capaz de nos aproximar nas práticas pedagógicas, na cultura escolar, na formação e na vida cotidiana de professores/as de diferentes áreas do conhecimento e em diversos recortes espaço-temporais. Tais discussões favorecem a compreensão de uma História da Educação, da docência e da formação docente no Brasil e em outros países.

É em sintonia com este movimento nacional, que lida com narrativas docentes e formação de professores, que este trabalho é elaborado, refletindo sobre ações que envolveram (e ainda envolvem) o ensino, a pesquisa e a extensão.

### **O papel formativo das narrativas de professores**

Em universidades, escolas e espaços de educação não formal, a História Oral tem sido reconhecida em sua abrangência pedagógica e interdisciplinar, como foi discutido no XIII Encontro Nacional de História Oral (2016) e debatido no livro “História oral e práticas educacionais” (RODEGHERO *et al.*, 2016), por exemplo.

Em meio às produções no campo da História Oral, há um ambiente privilegiado para discutir a potência das narrativas de professores/as para a significação

compartilhada, no espaço público, das artes de ensinar e o entendimento integrado entre trajetórias de vida de professores/as e cartografias das práticas docentes (ANDRADE *et al.*, 2019).

Segundo Portelli (2016, p. 10), a experiência da entrevista de História Oral é sempre uma via de mão dupla, é o momento marcado pelo entreolhar-se, pela escuta compartilhada, espaço onde ambas as partes mergulham envolvidas por expectativas e intenções que poderão, ou não, ser alcançadas ao final daquela experiência, mas que certamente envolverão sair dela um pouco diferente de antes.

Em se tratando de entrevistas com professores/as, e principalmente entre professores/as, a troca de saberes, de referências e de afetos é ainda mais explícita. O/a pesquisador/a procura o/a narrador/a ansiando por aprender com suas vivências, garimpando em meio às memórias narradas aquilo que o/a afeta, a experiência (LARROSA, 2020) e que também o/a forma. Do outro lado, quem narra também refaz caminhos que o/a tornaram o/a docente que agora o é, e revisitá-los permite continuar aprendendo com sua própria autoanálise.

Os movimentos de perguntar, parar, ouvir, conflitar, refletir, próprios das entrevistas de História Oral, são capazes de construir, para além de acervos de memórias, saberes docentes, que afetam e formam gerações de professores/as. Sejam eles já experientes em sua carreira, sejam licenciandos/as em busca da construção de seus próprios caminhos. Todos/as aprendem num contexto de diálogo e construção interativa de conhecimento da entrevista, pois entrevistadores/as e entrevistados/as, como explicita Meihy (1996, p. 10), “[...] passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”.

A seguir discorreremos sobre o papel formativo, em mão dupla, da entrevista de história oral para o entrevistado/a e entrevistador/a, que constroem suas identidades subjetivas e intersubjetivas no contexto da docência.

### **A entrevista como processo formativo para o professor e a professora entrevistado/a**

Nos sentamos frente a frente, mediados por uma tela (eram tempos de pandemia e isolamento), e tão logo iniciamos a gravação, o professor inicia sua narrativa afirmando:

Primeiro agradeço a lembrança do meu nome, essa oportunidade de depor, de compartilhar essas memórias, pessoais e profissionais. A

gente fala assim, como se pudesse separar. E gostaria também de lembrar que é uma grande armadilha procurar recuperar essas lembranças, na medida em que elas vêm também misturadas, inseparavelmente, com esquecimento. Mas, para mim, é um privilégio ter recebido esse convite, principalmente vindo de você que eu conheci pequenininha, lá na graduação em História, primeiro semestre, você lembrou agora. [...] Então, é duplamente significativo receber esse convite e ele vir justamente de você, uma professora da qual eu participei, bem ou mal (risos), da formação (ANDRADE, 2021).

Foi agradecendo a oportunidade e espaço concedidos que o professor Dr. João Maria Valença de Andrade começou sua fala e também dessa forma que a concluiu, tendo sido convidado a participar do projeto de pesquisa “Caminhos do ensino de História”, que visa à construção de acervos de memórias docentes no Rio Grande do Norte e, em seus desdobramentos, o uso desses materiais nas aulas de estágio no curso de História. O narrador, já aposentado e tendo sido professor (anos atrás) daquela que o entrevistava, demonstrou em sua narrativa a importância de ter um espaço de fala assegurado, mesmo após a aposentadoria.

O professor João Maria Valença de Andrade atuou durante décadas no magistério superior da UFRN, mas antes disso também lecionara nas redes municipal e estadual, nos anos 1980 e 1990. Buscando compreender melhor os caminhos por ele percorridos ao longo de sua vida e carreira docente que o convidamos a participar daquela entrevista e, posteriormente, do próprio processo de transcrição e textualização, que foi acompanhado de perto pelo narrador. Eram tempos difíceis, de distanciamento social, com o país acumulando altos números de mortos pela COVID-19, além de ampla insegurança e instabilidade política. Apesar disso, o professor aceitou compor, compartilhar conosco suas memórias e impressões sobre o vivido, tendo se preocupado em juntar documentos para contribuir com nossa conversa.

Suas palavras, no início e no fim daquela narrativa, sinalizam para a importância da entrevista como lugar de autoridade compartilhada (FRISCH, 2016, p. 62), de construção conjunta, da pesquisa que se propõe “fazer com o outro” e não apenas “sobre o outro”; catalisando o trabalho com narrativas docentes, sobretudo, se o pensamos como encontro com possibilidades múltiplas de análise, a partir de quem fala e de quem ouve – construção da coautoria.

Segundo Frisch (2016, p. 62-63),

Em uma boa medida, cada participante é em parte coautor da entrevista ou da discussão, e até coautor da exposição recebida, em vez de significado projetado. Podemos imaginar o compartilhamento da autoridade mais fácil e amplamente se reconhecemos autoria como sendo, nesses termos, dialógica por definição [...]

Se a autoria por nós concebida parte da premissa dialógica apresentada por Frisch, podemos afirmar que, para além do reconhecimento, o/a professor/a narrador/a também se afeta pela experiência da entrevista. Não apenas é prestigiado/a, mas vivencia uma oportunidade de se emaranhar pelo seu passado e volver dele sentidos para a presencialidade que ora vive.

Aquele/a que narra realiza um esforço no sentido de revisitar outras épocas e descolar camadas e mais camadas, entre reminiscências e esquecimentos; e, antes mesmo da entrevista iniciar, o movimento de revisão de toda uma vida e uma carreira é iniciado.

No mesmo projeto de pesquisa citado, ouvimos também a professora Miriam Soares de Oliveira Silva, que é aposentada da rede federal de educação básica. A professora atuou durante décadas no IFRN e, anteriormente, em escolas militares. Além disso, foi professora de História de uma das autoras deste trabalho. Ao iniciar sua narrativa, imediatamente, ela constrói uma ponte com aquela que a ouvia e compara sua própria trajetória à dela, afirmando que: “Eu não me admiro (que haja uma Aliny antes e depois de ser aluna de Miriam), porque existe Miriam antes do Arno e depois do Arno, meu professor de história do terceiro ano também” (SILVA, 2021). O simples fato de iniciar uma conversa sobre sua trajetória já a fez evocar aquele outro professor que seria o motivador para sua escolha pela docência. A professora se sentiu mobilizada a voltar ao seu passado, retomar antigas referências, tecer novos balanços.

Provocado sobre um possível balanço acerca de sua carreira, o professor João Valença nos disse:

Eu acho que nunca pensei de maneira organizada sobre um balanço geral da minha carreira. O que eu posso dizer é que eu fiz aquilo que eu gostava de fazer. E sempre procurei fazer o mais bem feito possível. E, mesmo já às vésperas da aposentadoria, de vez em quando eu me

sentia incorrendo naqueles excessos de forma e de conteúdo (ANDRADE, 2021).

Percebemos em sua fala que, a partir da provocação feita pela pesquisadora, o professor buscou sistematizar sua trajetória, seu percurso de vida e docência. Sem se desprender do presente; e sob acumuladas temporalidades, o professor constrói uma narrativa almejando ser o mais didático possível, deixando evidentes as marcas do compromisso com que sempre encarou seu fazer. O cuidado em fazer-se entender, a busca pelos dados mais precisos possíveis e a atenção para com a pesquisadora também comunicavam suas características – a partir das suas expressões. Com gestos, o entrevistado buscou a revisão atenta de cada afirmação; o professor elaborou cuidadosamente suas memórias, que por mais voluntárias que pudessem parecer, também mostraram-se involuntárias (BENJAMIN, 2012), daí as digressões que, às vezes, o incomodava, mas que são próprias da oralidade.

Ao longo de todo o processo, iniciado com a entrevista, mas elaborado para além dela, visto que o professor revisitou em mais de uma ocasião a versão transcrita de sua narrativa, foi possível ao docente avaliar seu percurso, aquilo que via como excessos, mas também o que considerava enquanto acertos e a coerência com os princípios que defendeu durante toda a carreira.

Partindo das vivências com as entrevistas com docentes (a exemplo daquela citada anteriormente), é possível perceber que elas possibilitam aos/às narradores/as esse momento de balanço, de espaço de troca com um ouvinte que anseia ouvi-lo/a, de busca por suas relíquias (DELGADO, 2010), a fim de remontar um quebra-cabeças com peças tão miúdas, que, muitas vezes, tornam-se difíceis de serem encaixadas, sobretudo, sob a luz turva do tempo presente. Talvez sejamos nós, oralistas, também privilegiados/as pela oportunidade do dialogar, pois, usando a imagem figurada elaborada por Thompson (2002), temos a possibilidade de fazer o/a narrador/a deitar-se sobre o divã e trazer à tona as múltiplas camadas de memórias que dispõe, em uma experiência que é reflexiva para os dois lados, e essencialmente dialógica, por isso mesmo, formativa.

Ao viver um movimento de escuta coletiva com docentes aposentados/as na Argentina, na cidade de Quilmes, as/os pesquisadores Denise Grangeiro e Daniel Suárez (2013) enfatizaram o quanto essa experiência reflexiva contribuiu para os/as narradores/as e os/as ouvintes envolvidos/as. Segundo eles, “Esse movimento reflexivo

gera transformações no ser, plenitude de pensamentos, experiências, memórias significativas e sabedoria. Acúmulo de tempo vivido não gera experiência; no entanto, refletir sobre o tempo vivido produz sabedoria” (GRANGEIRO; SUÁREZ, 2013).

Nesse sentido, ao revisitar sua vida e os momentos marcantes de suas carreiras, os/as docentes reafirmam suas identidades, ou mesmo as reelaboram e ressignificam para aquele tempo. Em uma outra pesquisa, realizada anos atrás, por exemplo, tivemos a oportunidade de ouvir uma professora que iniciou sua carreira como professora leiga e só tempos depois obteve a formação acadêmica. Na ocasião, já aposentada e em tratamento de saúde, ela buscava ressaltar que era professora, que assim era chamada pela comunidade, e esta era sua identidade.

Estando os/as professores/as na ativa ou aposentados, quando são convidados/as a falar de si, decidem abrir-se para o mundo e assim também assegurar que seu trabalho seja, de algum modo, perpetuado e continue a existir. É um exercício de afirmação de si, de construção identitária e de valorização por todo tempo dedicado à docência, sejam eles alguns anos, ou quase uma vida inteira.

Narrar implica, segundo Benjamin (2012), ter ouvintes para quem falar, assegurar alguma audiência e, desse modo, também dizer para si mesmo o quanto tudo que fez, ou ainda faz, possui relevância, posto que, de acordo com o mesmo autor, só narramos aquilo que consideramos importante. Então, a escuta atenta, promovida pela entrevista de História Oral, assegura que aprendamos com os/as narradores/as, mas também que eles/as próprios/as acolham e compreendam a si mesmos e à sua trajetória docente. É um espaço de reconhecimento, de contato intergeracional, de ensino e de continuidade de sua história de vida e carreira no momento que alargamos o público que conhecerá aquele/a docente e as marcas de sua vida.

### **A construção da entrevista como processo para o licenciando, a licencianda**

A História Oral baseia-se na coleta e sistematização de memórias expressas oralmente, o que envolve procedimentos de pesquisa e atitudes de pesquisador/a que podem potencializar o protagonismo dos/as educandos/as na busca e produção de conhecimentos de forma interativa e contextualizada. Pressupõe, por um lado, projeto, pesquisa, métodos e técnicas de entrevista e de registro. Por outro lado, exige também o desenvolvimento de uma postura ética com relação ao/à entrevistado/a, assim como de respeito ao/à entrevistado/a em relação ao que foi dito.

Ao realizar, discutir, explorar as entrevistas, podemos nos deparar com

diferenças e semelhanças tanto na linguagem quanto no modo de vida das pessoas de períodos passados e podemos ser, assim, estimulados/as a estabelecer reflexões críticas sobre o presente e seu cotidiano. Além disso, nesse processo de escuta podem ser identificados e trabalhados elementos fundamentais para a formação do ser humano como: a afetividade, a empatia, o respeito, a emoção que o contato com a história de vida do/a entrevistado/a.

Esse foi o processo realizado no projeto de extensão “Narrativas docentes: acervo de entrevistas sobre a trajetória de professores/as do RN como repertório para formação docente inicial e continuada”. Desenvolvido no segundo semestre de 2022 com estudantes de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, da UFRN, em seu período de estágio supervisionado obrigatório, que elaboraram roteiro de entrevista (Quadro 1) e a realizaram com seus/suas professores/as supervisores/as. O mesmo projeto foi ampliado em 2023 e passou a contar com a mesma dinâmica envolvendo os/as licenciandos/as da Licenciatura em História, também da UFRN.

As questões presentes no quadro a seguir foram utilizadas como estímulos para que a fala fosse iniciada e os/as narradores/as percorressem os temas sugeridos. Cabe salientar ainda que nem todas as perguntas foram realizadas em uma mesma entrevista. O quadro reúne todas as possíveis questões articuladas nos dois estágios que trabalharam com essa abordagem, mas a escolha por uma ou outra foi feita de acordo com o sujeito a ser ouvido e a partir das prioridades de cada conjunto de entrevistadores/as.

**Quadro 1 – Roteiro geral com questões feitas aos/às professores/as supervisores/as de estágio**

<b>Tópico</b>	<b>Possíveis questões orientadoras</b>
Apresentação pessoal	Poderia nos dizer seu nome completo, origem, interesses e características pessoais que você gostaria de compartilhar para que possamos conhecer um pouco de você?
Formação docente	Poderia nos contar qual a sua formação, curso, instituição, ano, outros cursos, especialização, o que te levou para a carreira docente e o que te marcou nesse período de formação?
Atuação docente	Poderia nos dizer sobre a sua experiência profissional, quando começou a trabalhar como professor/a, que cargo(s) exerceu, onde você trabalhou, onde trabalha atualmente? Que atividades realiza e como enxerga sua atuação como

	docente?
Educação brasileira a partir da trajetória pessoal	Depois de nos contar um pouco sobre sua trajetória, como você entende o campo da educação desde a sua formação até a atualidade?
Educação brasileira a partir das políticas públicas e perspectivas* <sup>1</sup>	A partir do relato anterior, como você avalia a trajetória da educação brasileira desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Plano Nacional de Educação e agora a Base Nacional Comum Curricular, que perspectivas você enxerga?
Educação brasileira e as Necessidades Educacionais Especiais**	A partir do relato anterior, como você avalia a trajetória da educação brasileira no que tange o tema das Necessidades Educacionais Especiais, considerando legislação, políticas públicas, formação docente, apoio pedagógico, recursos e infraestrutura escolar, e que perspectivas você enxerga nas escolas públicas?
Novo Ensino Médio e o ensino médio*	Como você entende essa nova proposta curricular? Como ela foi elaborada no âmbito do xxxxxx? Como está sendo e será sua aplicação nas escolas públicas?
As Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e o trabalho docente**	Como as NEE entraram na sua formação e na sua atuação docente, o que você sabe ou ainda precisa saber sobre elas, como você trabalha com elas, que situações, exemplos sobre essa diversidade e especificidade dos alunos/as você poderia compartilhar?
Reflexão pessoal da trajetória docente	Que momento você destacaria na sua trajetória docente como mais satisfatório e/ou mais desafiador, positiva ou negativamente, como docente?
Fechamento	Você gostou da entrevista? Gostaria de trazer mais algum assunto que não tenha sido abordado ou ainda deixar uma mensagem para outros/as professores/as em formação ou que já atuam na rede?

Fonte: acervo dos/as autores/as.

Ressalta-se que a narrativa oral proveniente das entrevistas “[...] permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário” (FREITAS, 2006, p. 79-80). Quando o/a entrevistado/a é um/a professor/a, no exercício da sua profissão na rede básica de ensino, é possível retomar e registrar sua trajetória pessoal e profissional e, quando o/a entrevistador/a é um/a professor/a em formação (licenciando/a), lhe é possível (re)conhecer conteúdos e

<sup>1</sup> \*Questões específicas para os/as licenciandos/as em estágio supervisionado obrigatório de regência no Ensino Médio; \*\* Questões específicas para os/as em regência no Ensino Fundamental – Anos Finais.

práticas advindas da ação docente e favorecer um processo de troca de saberes e experiências no exercício da profissão. Está aí o objetivo e premissa principal do projeto de extensão: a formação docente intergeracional.

A formação docente intergeracional fundamenta a perspectiva do papel formativo da entrevista de História Oral com base nas narrativas docentes. Como mencionado na seção anterior, no processo narrativo da entrevista, o/a professor/a da rede básica também se forma, posto que dialoga com outro público e consegue estabelecer um espaço-tempo de reflexão acerca de si: nesse movimento de construção de uma narrativa autobiográfica, ele/a pode produzir uma "escrita de si", interrompendo o ritmo frenético do cotidiano escolar e elaborando um olhar sobre suas ações, o que pode lhe impulsionar a realizar o movimento de ação-reflexão-ação, ou seja, sua própria práxis, sendo provocada por futuros professores. Do outro lado, que se coloca nesta seção, o/a licenciando/a que planeja e realiza a entrevista tem uma vivência narrativa da experiência do outro na realidade social, um aprendizado teórico-prático contextualizado, nos momentos de entrevista licenciando/a e professor/a da rede são sujeitos e objetos do que se pode considerar "aprendizagem narrativa" (GOODSON, 2008, 1992), a partir do levantamento das histórias de vida pessoal que se mesclam e se interconectam com as histórias de vida profissional docente dos/das entrevistados/as (NÓVOA, 2013).

Na História Oral o/a entrevistador/a é quem media a entrevista, tendo o/a entrevistado/a como colaborador/a e não objeto da pesquisa (MEIHY, 1996). Há um protagonismo dinâmico: se inicialmente, na experiência do projeto de extensão, o/a estudante-entrevistador/a mobiliza as falas do/a entrevistado/a, este/a passa a "pesquisar" o passado, selecionar fatos, situações, relembrar sentimentos, construir opiniões. O/a entrevistado/a não apenas relata, mas revive a memória com os olhos e o corpo do presente, torna-se sujeito da (auto)pesquisa e o/a estudante-entrevistador/a, nesse diálogo, pode analisar e melhor compreender os contextos históricos, sociais, econômicos, culturais, emocionais ali presentes e que se mesclam com as narrativas individuais. O material produzido nesse tipo de entrevista envolve as falas dos/as narradores/as que interagiram com as falas do/a estudante-entrevistador/a e tudo isso vai compor os dados a serem analisados. A relação, além de dialógica, é pedagógica: o resultado das entrevistas está no diálogo entre estudante-entrevistador/a e narrador/a e, nesse processo, a aprendizagem é conjunta.

## Considerações finais

Das narrativas docentes insurgem subjetividades; múltiplos aspectos das identidades docentes de um sujeito histórico na interface com o campo da Educação. Coloca-se assim o valor das narrativas orais como material educativo para o campo acadêmico e escolar. Buscamos, nesse contexto, apontar como o referencial teórico-metodológico da História Oral é um caminho para a coleta dessas narrativas, assim como se torna uma ferramenta pedagógica com foco na “aprendizagem narrativa dialógica” entre quem narra e quem escuta.

Os projetos de História Oral também fortalecem a relação Universidade-Escola possibilitando espaços de visibilidade aos saberes e experiências de professores/as da rede básica de ensino. E, ainda, proporcionando encontros em redes de escuta e apoio mútuo para o fortalecimento das identidades docentes, quando suas narrativas chegam aos licenciandos/as professores/as em formação.

Ambos os projetos, de pesquisa e de extensão, que resultaram nesta produção, estão vinculados à Rede Trajetórias Docentes e visam também ampliar seu acervo e, assim, contribuir para a preservação das memórias docentes e sua publicização, em um movimento diretamente relacionado à História Pública e considerando a importância de “amplificar” as vozes daqueles/as que construíram esses caminhos conosco. Esperamos assim, colaborar também com futuras pesquisas e influenciar na construção de políticas públicas educacionais que considerem os/as docentes do nosso país.

Cientes da necessidade de analisar os resultados do trabalho que vem sendo desenvolvido com as narrativas docentes, pretendemos continuar a pesquisa e produzir outros materiais versando, especificamente, sobre as entrevistas construídas por nós e pelos/as licenciandos/as. Nos interessa entender melhor sobre o que, e de que forma, narram os/as professores/as entrevistados/as e que sentidos atribuem a tais narrativas aqueles/as professores/as em formação.

Alguns dados de análise do conteúdo das entrevistas gravadas, por ocasião de um dos nossos trabalhos de pesquisa, já foram apresentados em outras produções acadêmicas, mas o uso dessas entrevistas como fonte nas turmas de estágio merece ainda um maior espaço de reflexão. De antemão, podemos antecipar que o uso desses materiais provocou, a partir das afirmações dos/as estudantes envolvidos/as, um olhar mais empático em relação a outros/as professores/as. Ao mesmo tempo, também enfatizaram o efeito espelho provocado pelas narrativas, já que muitos destacaram

sentir-se sensibilizados/as e levados/as a pensar sobre si mesmos/as, o que os/as constitui e os caminhos de sua própria vida e formação.

Aqui apresentamos os primeiros resultados desse trabalho experimental, que será ampliado e consolidado ao longo dos próximos semestres e com as novas turmas que poderão continuar vivenciando este movimento de escuta, diálogo e construção coletiva, proporcionado pela relação entre História Oral, estágio supervisionado e formação docente.

### Agradecimentos

Agradecemos aos professores e às professoras que socializaram sua trajetória de vida e profissional no âmbito dos projetos de pesquisa e extensão neste trabalho citados e aos licenciandos e às licenciandas dos cursos de Letras e História da UFRN que protagonizaram a construção e análise das narrativas docentes com afeto, respeito e aprendizado.

### Referências

ANDRADE, E.; ALMEIDA, J.; SILVA, M. Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto)biográficas a uma história pública dos professores. São Paulo, *Revista História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 158-181, 2019.

ANDRADE, E. ; ALMEIDA, J. REIS, J. ; COSTA, D.. Práticas de liberdade e desafios democráticos em educação: histórias de vida e formação docente em entrevistas públicas. In: PEREIRA, A. A. (Org.). *Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação*. ied. Campinas: Editora Unicamp, 2022, v. 1, p. 291-316.

ANDRADE, João Maria Valença de [62 anos]. [mar. 2021] Entrevistadora: AUTOR(A). Natal (Rio Grande do Norte), 16 mar. 2021.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas, v. 1).

DELGADO, L. A. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREITAS, S. M. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FRISCH, M.. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S.; DESBIENS, J-F; MALO, A.; SIMARD, D. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

GOODSON, I. F. *As políticas de currículo e de escolarização: abordagens históricas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

GRANGEIRO, D.; SUÁREZ, D. O saber da experiência: a sabedoria na trajetória profissional dos professores aposentados. In: SOUZA, E.; PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. *Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização*. Curitiba: CRV, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo, Ed. Loyola, 1996.

NÓVOA, A. (Org.). *Vida de Professores*. Porto: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vida de professores*. Portugal: Porto Editora, 2013.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANTO, A. (2021). História da educação e os repositórios de história oral no Brasil. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, II(25), 441-458.

RODEGHERO, C. S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (Org.). *História oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 226 p.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A.; SILVA JUNIOR, C. A. (Orgs.). *Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 39-50.

SILVA, Miriam Soares de Oliveira [65 anos]. [nov. 2021] Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal (Rio Grande do Norte), 3 nov. 2021.

SHULMAN, L. S. *Knowledge and Teaching: Foundations of the New Reform*. *Harvard Educational Review*, v. 57, n. 1, 1987.

TARDIF, M.. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: \_\_\_\_\_. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado, história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.